

AS COMEMORAÇÕES DA LEI ÁUREA PELAS PÁGINAS DO JORNAL O PAIZ (RIO DE JANEIRO, 1889)

EULER FABRES ZANETTI¹; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES².

¹Universidade Federal de Pelotas – euler.f.zanetti@hotmail.com

²Aristeu Elisandro Machado Lopes – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Aos treze dias do mês de maio de 1888 foi assinada a Lei Áurea pela Princesa Regente Isabel, proibindo totalmente a escravidão no Império do Brasil, sem qualquer tipo de indenização – tanto para os escravizados e às escravizadas como também aos “proprietários” – ou prestações de serviços posteriores à data da publicação da lei. Essa data é vista atualmente como um marco na história do país por ter colocado fim à exploração humana que já perdurava mais de três séculos, sendo lembrada hodiernamente como uma grande realização da monarquia, sem considerar a participação de grupos ou pessoas ligadas ao movimento pela abolição.

Entretanto, o que é pouco lembrado pela população em geral, ou pouco pesquisado pela academia, são as comemorações da abolição da escravidão, isto é, os aniversários da Lei Áurea, principalmente por meio da imprensa. Sendo assim, esta comunicação pretende apresentar uma breve amostra do que está sendo desenvolvido na pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, que investiga como se deram as comemorações da Lei Áurea pelas páginas do jornal *O Paiz* entre os anos de 1888 e 1930.

Posto isto, é imprescindível apresentarmos aos leitores o conceito utilizado nesta comunicação, que se refere à comemoração. O conceito de comemoração não é abundante em trabalhos acadêmicos específicos à sua interpretação, todavia fizemos uso de alguns estudos que consideramos importantes para esta exposição:

A apreensão do fenômeno das comemorações e dos seus elementos constitutivos, a memória e a história remetem-nos a um questionamento da relação espaço/tempo, uma vez que no processo comemorativo um duplo movimento parece configurar-se. Ele consiste em retirar o acontecimento passado para penetrá-lo nas realidades e nas questões do presente, criando a contemporaneidade e abolindo o tempo e a distância. Na verdade, ele implica um questionamento crítico da relação distância/reaproximação com o presente histórico. Por trás de todas as comemorações nacionais encontra-se, portanto, a questão do tempo que se manifesta em sua relação com o passado da história e com o presente da memória. Em outras palavras, a comemoração tem por objetivo demonstrar, como já vimos, que o acontecimento “rememorado”, por seu valor simbólico, pode se reportar ao devir. As comemorações buscam, pois, nessa reapropriação do acontecimento passado, um novo regime de historicidade, projetando-o em direção do futuro. Em outros termos, a comemoração das datas nacionais demonstra que os acontecimentos tidos por inaugurais exercem ainda uma função eminentemente simbólica (SILVA, 2002, p. 436).

Dessa forma, comemorar significa evocar de modo coletivo a reminiscência de um evento/acontecimento firmado como ação precursora. Essa memória é construída socialmente, de maneira comunitária, que tem por objetivo presentificar estas lembranças com um sentido festejado. A memória, ainda, além de compreender a construção das lembranças conjuntamente, também possui uma unicidade social estabelecida pelo consentimento sentimental.

As ponderações supracitadas são significativas para se analisar como se deram as comemorações da abolição da escravidão pelas páginas do jornal *O Paiz*, sobretudo por permitir visualizarmos essa memória através das publicações da imprensa.

2. METODOLOGIA

Em consequência da pandemia do novo coronavírus optamos por uma fonte que não necessitasse de contato físico para analisá-la. Assim sendo, podemos encontrar o jornal *O Paiz*, de forma digitalizada, através da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. A folha encontra-se quase completa, com algumas falhas em dias ou meses, além de estar bastante legível. No site da Hemeroteca Digital, existe uma caixa de pesquisa que busca por palavras-chave, na qual fazemos uso com o objetivo de termos um resultado mais aproximado em vez de simplesmente ir buscando página por página. Portanto, como investigamos as comemorações da abolição da escravidão, é válido ressaltar que utilizamos as palavras “Áurea”, “Treze de Maio” e “abolição” com a finalidade de conseguirmos encontrar mais notícias, anúncios, propagandas, textos de opinião, etc. sobre as comemorações.

Sobre como trabalhar com jornais, Tania de Luca é a autora primordial para nos guiar em razão de fazer uma excelente explicação sobre a metodologia necessária para o uso de jornais no meio acadêmico, sinalizando que “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica” (LUCA, 2008, p. 118). Em conformidade com Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, os jornais não são “meros veículos de informações”, mas sim “instrumentos de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 19), portanto o olhar atento torna-se ainda mais substancial para a averiguação dos jornais a fim de compreender suas respectivas dimensões no contexto dos municípios e as formas como os aniversários da abolição foram abordados em suas páginas.

Por conseguinte, a averiguação do periódico deve ser bastante atenta, além de exigir certa apreensão, como veremos a seguir.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devemos ressaltar que o periódico pesquisado se intitula como “politicamente neutro” (PESSANHA, 2006, p. 85) e, como dito no tópico anterior, as comemorações da abolição se deram de diversas maneiras, fossem elas uma notícia, um anúncio, uma propaganda, um texto opinativo, etc. No caso que utilizaremos a seguir, encontramos um poema dedicado à Lei Áurea, publicado no primeiro ano de aniversário da referida lei.

Hoje à noite já começa
dá troça alegre e brejeira
o gargalhar estridente
aos rufos do Zé Pereira

Zabumbam convictamente
os folgazões exaltados,
estrugem fanfarras agudas
de clarins desafinados...

Já hoje à noite nas ruas
de longe em longe aparece
um *princez* que impinge a força
o tal <Você me conhece?>

Este ano, após a lei áurea,
que assim as coisas dispuseram,
eu imagino o consumo que vai ter de pó de arroz

Tesoura (O PAIZ, 1889, p. 1)

O poema faz menção à Lei Áurea em um tom de comemoração da abolição da escravidão, ou pelo menos a sua forma de ser realizada. O poema foi publicado no dia 2 de março de 1889, portanto, quase um ano após a abolição da escravidão, durante o mês de carnaval daquele ano. É possível interpretarmos que este evento contou com uma maior quantidade de participantes nas comemorações carnavalescas em função da liberdade proporcionada pela Lei Áurea, pois a maioria da população, que era escravizada, se encontrava livre naquele momento. Além disso, a última estrofe corrobora para este pensamento porque o autor crê que terá muito consumo de pó de arroz, que significa que os negros utilizarão o produto no rosto com o intuito de alterar a própria cor, fingindo serem brancos. Porém, a intenção de alterar a própria cor e se fingirem de brancos não tem a ver com o desprezo de si mesmos, mas sim uma “característica principal da manifestação de uma identidade negra, que valorizava a cor dos negros e buscava uma positivação deslocando a crítica para o efetivamente considerado importante, ou seja, a busca pela instrução” (SILVA, 2011, p. 100).

O título do poema se chama “Aparas”, do verbo ‘aparar’, que é sinônimo de ‘segurar’, ‘sustentar’, etc. Podemos entender que o título tem a intenção de dizer que os ex-escravizados sustentavam o regime vigente, mais ainda se pensarmos que o subtítulo tem ligação com o título, pois o subtítulo “CCXCII” tem muita probabilidade de significar 292, sendo os dias que se passaram após a assinatura do 13 de maio de 1888 até a data da publicação do poema. Em poemas, poesias, crônicas, contos, charges, ilustrações, entre outros, é comum que os autores não se identifiquem com seus nomes reais, e por vezes utilizem pseudônimos que estimulem um pensamento ou curiosidade para seu trabalho ou obra específica. Tendo isso em mente, pode ser que exista uma conexão entre o pseudônimo “Tesoura” e o título “Aparas”, e não somente entre o título com o subtítulo. Existe a possibilidade de que a mensagem passada pelo escritor com essa relação seja que, através dos seus textos literários, ele se enxergue como a “tesoura” que “apara os problemas”, ou seja, ele se expressa no jornal para comemorar a abolição de um mal que foi presente no país por séculos.

A análise desta fonte na corrente comunicação é apenas um fragmento da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida no PPGH da UFPel, estudo que se propõe a investigar um recorte temporal de quatro décadas.

4. CONCLUSÕES

Na introdução desta exposição, indicamos que não há muitas pesquisas sobre comemoração da abolição pela imprensa, tornando este o motivo da grande inovação, fundamentalmente porque não se investigou essa temática neste periódico. Em um segundo momento, a partir dessa pesquisa podemos compreender a conduta de um jornal que se intitula como “politicamente neutro” perante uma lei aprovada em um regime monárquico, perpassando pela instauração de uma república. Por fim, será uma contribuição à historiografia em uma área que possui poucos trabalhos acadêmicos sobre o assunto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

O Paiz, Aparas. Rio de Janeiro, 2 mar. 1889, p. 1. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Bibliografia

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980, 176 p.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSK, Carla (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

PESSANHA, Andréa Santos da Silva. **O Paiz e a Gazeta Nacional: Imprensa republicana e abolição. Rio de Janeiro, 1884-1888**. 211 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. 228 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Helenice Rodrigues da. Rememoração/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, 2002.